

# **A melancolia como sujeito – tema, assunto – do Romantismo. Uma leitura de uma psicanálise por vir.**

**Melancholy as a subject – theme – of romanticism. A Reading from a future psychoanalysis.**

HAYDÉE MONTESANO

## **RESUMO:**

No âmbito de uma investigação mais ampla, este artigo aborda alguns dos eixos que organizam a relação entre o tema da melancolia e sua condição clínica para a psicanálise. Somos convidados a investigar a variação conceitual que se verifica ao longo da história do termo melancolia e, fundamentalmente, a virada que a modernidade e o romantismo instalaram no conceito, bem como no valor social e cultural que adquiriu. O nosso quadro de leitura é a psicanálise proposta no PIC de APOLa.

**PALAVRAS-CHAVE:** melancolia – romantismo – psicanálise – luto – modernidade – *spleen*.

## **ABSTRACT:**

Within the framework of a broader investigation, this paper addresses some of the axes that organise the relationship between the theme of melancholy and its clinical condition for psychoanalysis. We are invited to investigate the conceptual variation that is verified throughout the history of the term melancholy and, fundamentally, the turning point that modernity and the romanticism installed, both in the concept, as well as in the social and cultural value that it acquired. Our reading framework is the psychoanalysis proposed in APOLa's PIC/SRP (Scientific Research Program).

**KEY WORDS:** melancholy – romanticism – psychoanalysis – mourning – modernity – spleen.

## **Introdução**

Esta apresentação reúne alguns elementos de um projeto de investigação em que tenho trabalhado há algum tempo. Se trata de abordar o termo “melancolia” em seus distintos cortes históricos e os correspondentes contextos, para situar de maneira específica o ponto de inflexão que se produz a partir da modernidade e a aparição do movimento romântico. Por sua vez, também consideramos a modernidade como o paradigma em que se inscreve o nascimento da psicanálise, portanto, o enfoque e orientação desta investigação tomo como centro de referência as elaborações e articulações sobre a ideia de melancolia que se produzem na teoria psicanalítica.

Nesta ocasião, vou estabelecer somente dois aspectos centrais dos três eixos principais que estruturam o recorrido geral:

1- Alguns critérios para situar a noção de melancolia em seus distintos contextos.

2- O Romantismo em sua relação com a modernidade e o lugar da melancolia nesse cruzamento.

3- A melancolia como sujeito – tema, assunto – do Romantismo lido a partir da psicanálise na perspectiva do PIC de APOLa.

### 1- Alguns critérios para situar a noção de melancolia em seus distintos contextos

Neste eixo, tomo como referência bibliográfica principal o livro de Jean Starovinsky *La tinta de la melancolía*.<sup>1</sup>

Um primeiro contexto se articula com a concepção da melancolia como enfermidade, revisaremos alguns dos momentos históricos mais significativos para nosso propósito.

O termo melancolia é de origem grega e significa *humor negro*, esta é sua marca de origem ligada à teoria dos humores ou fluidos corporais que formulou Hipócrates e ampliou Galeno, identificando quatro: o sangue, a fleuma, a bÍlis amarela e a bÍlis negra. O parâmetro da saúde está dado pela harmonia e equilíbrio entre os quatro, o que deriva em que a prevalência de alguns deles, rompendo esse equilíbrio, gera distintas doenças conforme o humor em questão. No caso da bÍlis negras ou atrabÍlis, são várias as afecções ocasionadas por sua corrupção, seja por deslocamento a locais corporais inadequados ou por inflamação, embora seja a melancolia a que perdurou até os dias de hoje.

No entanto, mais além do impacto particular que o temor e a tristeza permanente puderam ter em uma afecção designada como melancolia, Starovinsky propõe que a persistência da palavra, que se conserva no vocabulário médico desde o século V a.C., obedece a certo gosto pela continuidade verbal. Embora essa afirmação possa parecer banal, ela revela o cerne do que nos compete, pois o autor justifica essa espécie de inércia na necessidade da medicina de conservar a unidade em seus processos de transformação ao longo dos séculos. Essa transformação envolve a variação de sintomas que, apesar das diferenças, continuam com a mesma designação. O ponto é que, para a medicina, e posteriormente com o surgimento da especialidade em psiquiatria, o que estava em jogo era o tratamento ligado às causas.

Até o século XVIII, quase toda a patologia mental estava associada à melancolia, e a hipótese de que a doença tinha origem na corrupção da bÍlis negra era sustentada.

Por essa razão, embora os sintomas fossem múltiplos, a absoluta coincidência com a causa simplificava as coisas.

Passamos agora a outro contexto: a Idade Média, etapa em que o advento do cristianismo introduz um novo fator que participa da teoria sobre a melancolia.

---

<sup>1</sup> Starovinski, J. (2016). *La tinta de la melancolía*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

---

Partimos da consideração de que a tradição havia estabelecido que, na antiguidade, o médico se ocupava da cura da paixão do corpo, enquanto o filósofo se ocupava da cura das doenças da alma. A divisória enunciada é muito linear e imprecisa, mas é adequada para nosso propósito imediato, porque o ponto central é o que diz respeito à alma, território em disputa a partir da institucionalidade do catolicismo. Para os Padres da Igreja, a questão é se essa enfermidade da alma é consentida pela vontade de quem a padece; nesse caso, trata-se de um pecado de tristeza ou talvez de um ataque de acedia. A acedia é a desesperança na Salvação, um distanciamento da Criação Divina.

Outro contexto de grande interesse é o Renascimento, particularmente a mudança que ele promoveu a partir da figura de Marsilio Ficino e dos platônicos da cidade de Florença.

Ficino promoveu a ideia de temperamento melancólico, enquadrada em uma complexa sistematização dos diferentes planos da alma humana e da influência da astrologia, além da teoria dos humores. Nesse sentido, a prevalência de Saturno no plano astral conferirá características sombrias à já sombria *atrabilis*, mas a influência benéfica no nível superior do pensamento também deve ser considerada. Assim, o temperamento melancólico está ligado à arte de viver do intelectual. Ligado, portanto, ao poeta, ao matemático, ao grande príncipe e, fundamentalmente, ao filósofo, é uma característica que deve ser aproveitada para maximizar a altura do pensamento e, ao mesmo tempo, tratada com a devida cautela, pois sempre acarreta riscos, tornando-se uma doença.

Passemos agora ao nosso último contexto: o da era moderna.

A partir do século XVIII, o interesse pelo sistema nervoso – do qual já se tinha conhecimento prévio – assumiu um papel decisivo, principalmente devido à influência do Iluminismo. O cérebro e os nervos passaram a ter supremacia indiscutível, pois governavam o comportamento intelectual e físico do indivíduo, e seu desajuste era, portanto, a causa da doença mental. Esse novo critério etiológico faz parte da recente especialização médica psiquiátrica, e o tratamento, junto com a farmacologia, inclui de maneira mais destacada as intervenções da psicologia. É necessário considerar que esse novo paradigma corresponde à construção do indivíduo moderno e à supremacia do eu articulados no cérebro e nos nervos como sistema que fundamenta as condições humanas. Isso, por sua vez, leva a uma intimidade que passa a ser explorada em termos de reflexão pessoal, tal como aparece em uma grande quantidade de obras literárias que tinham como tema majoritariamente a melancolia. Por sua vez, isso leva de si uma intimidade que passa a ser explorada em termos de uma reflexão pessoal, tal como aparece em uma grande quantidade de obras literárias. Um dado de interesse é que, ditas obras, majoritariamente tinham como tema a melancolia. Em grande parte, a psicologia da época se apoiava nesses registros para estabelecer sua referência sobre essa afecção.

É nesse contexto que nasce a psicanálise, com a figura de Freud claramente reconhecível nessa tradição erudita e literária. Exploremos alguns aspectos dessa tradição, especificamente uma linha que se abre desde o riso de Demócrito.

A história conta que, sendo Demócrito um filósofo respeitado e admirado, ele decide se isolar da cidade e viver em solidão. Adicionado a isso, o fato de frequentemente rir-se indiferente de tudo levou seus compatriotas a assegurarem que estava louco. Hipócrates é convocado a recuperar o juízo do sábio e inicialmente estabelece que o riso, que não distingue entre o bem e o mal, é sinal inequívoco de melancolia, mas a solidão pode ser algo ambíguo. É necessário distinguir entre a solidão do homem contemplativo e a do homem atormentado pela bÍlis negra.

A conclusão a que Hipócrates chega é que Demócrito leva uma vida de contemplação e estudo. Quanto ao riso, sua razão é efeito justamente de tudo o que foi observado e pensado sobre os homens, o absurdo em que se joga a existência humana, do qual o próprio Demócrito faz parte. Trata-se de uma risada que revela a ironia própria do melancólico que refletiu sobre o absurdo da existência.

Com o tempo, a ideia presente nesse relato passou a fazer parte de uma tradição que adicionou voz satírica à ironia como elementos da melancolia para pensar o campo da estética, principalmente na Alemanha. É nesse contexto que Schiller, em seu ensaio sobre a poesia ingênua e a poesia sentimental, estabelece a particular harmonia da Antiguidade com o mundo natural e a capacidade da palavra de sustentar a imediatez na relação entre a palavra e aquilo que nomeia. Por outro lado, o advento da poesia sentimental, carregada de um sentimento reflexivo que rompe com a harmonia, faz emergir uma nova ordem da palavra em situação de exílio. Trata-se de uma perda que estimula o sentimento reflexivo, dado que, se antes o poeta ingênuo, em seu propósito de imitar a realidade, estabelecia um vínculo com a natureza e tinha uma relação imediata com seu objeto, o poeta sentimental reflete sobre a impressão que os objetos deixam nele. Portanto, ele sempre se observa entre duas representações: a da realidade, que é seu limite, e a de sua ideia, que é infinita, o que gera dois sentimentos discordantes. Esse desdobramento, já presente na caracterização da melancolia, faz com que diferentes matizes da poesia sentimental, por exemplo a elegia, incluam o luto pela natureza perdida e o ideal inacessível.

Por razões de espaço, não podemos nos estender sobre o desdobramento que se gera em torno dessa ideia central, que vai tecendo uma trama que relaciona grandes nomes da literatura e das artes em geral, participando de um novo paradigma. O fundamental é registrar a forte articulação entre a melancolia, o artista e o intelectual a partir de uma certa concepção da perda.

Retomamos agora a consideração que Starovinsky faz sobre a psicanálise em sua abordagem da melancolia. Com base no que foi dito sobre a tradição à qual se inscreve Freud, podemos considerar

---

que o tratamento que ele dá ao tema, tomando como referência central sua obra *Luto e melancolia*,<sup>2</sup> não é alheio às categorias do novo paradigma anteriormente mencionadas: a palavra exilada do objeto; a natureza perdida e a reflexão como espaço de desdobramento.

Sem entrar nos desenvolvimentos conceituais que participam de sua teoria da melancolia, notemos que, para elucidar essa afecção, ele propõe um sistema comparativo com o luto, situando previamente a melancolia no contexto das perturbações anímicas narcisistas, contrastada com o sonho como paradigma normal. O luto também será a referência de normalidade, mas neste caso como o afeto esperável diante de uma perda. Enquanto no luto há um registro consciente do que foi perdido, na melancolia, ainda que se saiba o que ou quem foi, desconhece-se o que foi perdido nele. Por isso, conclui-se que se trata de uma perda de objeto subtraída da consciência.

A síntese proposta por Starovinsky sobre a concepção freudiana da melancolia é que se trata da consequência de uma escolha de objeto narcisista, à qual corresponde uma diminuição da libido no eu e a identificação ao eu com o objeto perdido. A crítica do eu, mais tarde designada como supereu, é acompanhada por uma agressão sádica, embora possa haver um acesso à dura verdade.

O interesse de Starovinsky é mostrar que Freud também está vinculado à tradição que coloca a reflexão como causa da afecção. Isso se manifesta tanto na inclinação para as superfícies refletoras, onde surge o espelho negro da melancolia, como nesse campo semântico que se amplia na sequência de: retratar, retroceder, retrair, voltar-se para si mesmo, retornar.

## **2- O romantismo em sua relação com a Modernidade e o lugar da melancolia nesse cruzamento**

Neste eixo, tomo como referência bibliográfica central o livro de Michel Löwy e Robert Sayre, *Rebelión y melancolia: el romanticismo como contracorriente de la modernidad*.<sup>3</sup>

É inevitável iniciar este tópico esclarecendo que a vastidão destes dois temas, tanto do romantismo como da modernidade, só nos permite situar alguns poucos pontos centrais para nossa articulação.

Nossa obra de referência tem a vantagem de trabalhar a partir dos problemas teóricos e conceituais enfrentados por qualquer tentativa de estabelecer com nitidez e precisão o que é o Romantismo. Tal posição implica uma investigação que apresenta os distintos vieses e campos nos quais o movimento romântico se manifesta, seja na literatura, nas artes plásticas, na arquitetura, no

---

<sup>2</sup> Freud, S. (2007). Duelo y melancolía. Em *Obras completas. T. XIV*. Buenos Aires: Amorrortu.

<sup>3</sup> Löwy, M. y Sayre R. (2008). *Rebelión y melancolía. El romanticismo como contracorriente de la modernidad*. Buenos Aires: Nueva Visión.

design de jardins ou na política e na economia. Uma das situações mais complexas identificadas pelos autores é a de desvendar nos diferentes textos de referência uma leitura crítica que não seja distorcida por preconceitos, sejam eles contra ou a favor.

Neste caso, trata-se de estabelecer o romantismo como conceito, uma construção teórica que salve a dificuldade de definições essencialistas que buscam um denominador comum na diversidade de características. Essa diversidade é tamanha que tende a se manifestar em termos opositivos, já que se pode reconhecer uma natureza revolucionária e contrarrevolucionária; individualista e comunista; cosmopolita e nacionalista; realística e fantasística; etc.

Os autores afirmam que essa contradição se manifesta de tal modo que há quem tenha localizado o conflito interno, a dissonância e a contradição como fatores comuns e unificadores do romantismo. Deixam de lado esse critério e avançam para o conceito partindo de uma definição do romantismo como *weltanschauung* ou visão de mundo, pensada como uma estrutura mental coletiva. A formulação do conceito está apoiada na noção de *begriff* dialético, entendendo que, assim, é possível compreender as contradições do fenômeno e sua diversidade, junto com a extensão que lhe é dada à noção que abrange tanto o romântico como o romantismo. A amplitude temporal excede a época em que surge como denominação de uma corrente artística, situando-a como uma das tendências da cultura moderna, entre outras. Os autores propõem a instalação da visão romântica na segunda metade do século XVIII e sua permanência até os dias atuais.

Em sua consideração:

[...] o romantismo representa uma crítica da modernidade, ou seja, da civilização capitalista moderna, em nome de valores e ideais do passado pré-capitalista pré-moderno.<sup>4</sup>

Neste sentido, tomando uma expressão de Nerval, acrescentam:

[...] o romantismo está iluminado desde sua origem pela dupla luz da estrela da rebelião e do sol negro da melancolia.<sup>5</sup>

Segundo a visão romântica, tudo o que se constitui a questionável forma de vida produzida pela modernidade passa a ser a realidade. Portanto, as ideias românticas têm o estatuto de fantasia irrealizável, já que se trata de uma convicção dolorosa e melancólica de algo precioso que se perdeu, tanto em nível do mundo como do indivíduo.

<sup>4</sup> Löwy, M. y Sayre R. (2008). Op. cit. p. 28.

<sup>5</sup> Ibidem.

### 3- A melancolia como sujeito, tema, assunto, do Romantismo, lido a partir da psicanálise na perspectiva do PIC de APOLa

No percurso proposto, foi possível organizar, segundo um certo critério, que, embora não prescindida da sequência de cortes históricos, busca elaborar um mapa dos significados adquiridos pela noção de melancolia, segundo a covariância do sistema significante no qual se lê seu valor, segundo a densidade da trama das distintas épocas. Nesse sentido, é possível localizar um ponto de inflexão no qual o estatuto adquirido pela melancolia a partir do Renascimento se bifurca e, junto à tradicional classificação médica, passa a ocupar um lugar social e cultural, não mais como doença.

A categoria de temperamento melancólico habilita certa valorização idealizada do melancólico como essencial ao intelectual, ao artista ou ao governante. Apesar de Aristóteles ter abordado o tema no *O homem de gênio e a melancolia (Problema XXX)*,<sup>6</sup> onde analisa a relação de causalidade entre genialidade e melancolia, a teorização de Marsilio Ficino no Renascimento mantém a conexão entre essas condições, mas sem a fatalidade da doença, e sim do temperamento melancólico, considerado de valor positivo.

Com variações, esse temperamento melancólico foi se moldando sob uma estética social e cultural, construindo estereótipos de acordo com as distintas épocas. No século XIX, por exemplo, o termo inglês *spleen*, que significa *baço* – lembremos que, para a antiguidade, é o órgão da bÍlis negra –, designava uma forma de melancolia que conferia status social. Popularizado por Baudelaire, o *spleen* é um dos problemas do romantismo.

Em relação a essa vinculação entre melancolia e Romantismo, acrescentamos ao que foi dito no tópico anterior que a posição melancólica perde no sistema de valores uma das condições mais destacadas no Renascimento, ou seja, o valor do pensamento abstrato e o domínio das matemáticas. Isso está em consonância com o questionamento do Romantismo à racionalidade que caracteriza a Modernidade.

Com base no que foi apresentado, vou apresentar algumas conclusões que visam ordenar futuras linhas de articulação com o campo específico da psicanálise.

1- A permanência do termo melancolia, no seu amplo uso coloquial, é o efeito de uma certa forma de mal-estar inerente à modernidade e ao romantismo como sua contracorrente que parece funcionar como resposta sintomática. Tenhamos em conta que anteriormente, desde a Antiguidade

---

<sup>6</sup> Aristóteles. (2007). *El hombre de genio y la melancolía (Problema XXX)*. Barcelona: Acantilado.

até o Renascimento, inclusive, era um termo que podia ser equiparado à loucura em geral ou a uma forma mais particularizada da doença.

2- Tenhamos em conta que, no quadro da história desta faceta que é a Europa em relação ao Ocidente, a ideia de recuperar valores e conhecimentos de um passado remoto esteve presente em diferentes momentos e com diferentes repercussões. Sem dúvida, o mais reconhecido pelo impacto que gerou é o Renascimento, nascido como um movimento que recuperou da Antiguidade – tanto grega como romana – as suas orientações estéticas e os seus conhecimentos matemáticos, físicos e arquitetônicos. Se o início do Renascimento é considerado na cidade de Florença, é pela cúpula da Catedral de Nossa Senhora de Fiori. Sua resolução só foi possível quando Brunelleschi tomou o modelo do óculo do Panteão Romano como base para a sua construção. É evidente que o Renascimento permitiu uma recuperação de elementos do passado no contexto do Humanismo, dando origem a um momento de florescimento na sociedade e na cultura de uma parte da Europa.

Se consideramos que o *leitmotiv*<sup>7</sup> do Romantismo é o regresso, o retorno a uma condição de vida ligada à natureza, associada a um passado ideal, e, tendo em conta o que comentamos anteriormente sobre o Renascimento, podemos colocar a questão: quais são os elementos particulares que formularam as condições de um “regresso” que não se deu como um “renascimento” de valores antigos, mas antes de um regresso que parece impossível, dado que esse modo de vida ideal se perdeu inexoravelmente. É aqui que temos de considerar o paradigma da Modernidade.

Se concordamos com a ideia de pensar o Romantismo como uma contracorrente da Modernidade, temos de dimensionar que, enquanto contracorrente, ele é constituído pela lógica moderna, o que implica a modalidade com que funciona a ideia de tempo. Nesse sentido, o que há de mais específico é a ideia de avanço e progresso nas “idades” históricas; antes da Modernidade não havia um recorte histórico; podemos argumentar que antes da modernidade não havia Antiguidade e Idade Média. O caráter evolutivo que faz do passado algo ultrapassado e apenas acessível como um regresso sempre falhado, como uma evocação do perdido, dá ao Romantismo o seu estatuto.

Esta hipótese me permite propor que o Romantismo, como contracorrente da Modernidade, terá como tema a melancolia, porque introduz a expressão da dor de existir que admite as várias formas de sofrimento em cada caso particular.

3- Como último ponto das possíveis conclusões que abrem linhas de investigação, proponho o que se articula com o campo específico da psicanálise.

---

<sup>7</sup> Tomo o significado deste termo tal como o formula a ERA: “Motivo central ou assunto que se repete”.

Decorre do ponto anterior um fato a considerar sobre a possível posição romântica da teoria da psicanálise de Freud, que pode ser lida na base da sua doutrina pulsional.

Fundamentalmente sua teoria da pulsão de morte implica uma regressão, um retorno ao que precede a vida, uma inércia da substância viva em retornar a um estado supostamente inorgânico.

Na mesma linha, vale a pena incluir a formulação da consideração do desejo não apenas como algo individual, mas como um desejo sempre insatisfeito porque o seu objeto está, por definição, perdido. De certa forma, ele está ligado ao que se perde na própria origem.

Por outro lado, se pensarmos na forma como Freud constrói a conceitualização da melancolia em *Luto e melancolia*,<sup>8</sup> ao contrário do luto, como resolução normal de uma perda, ele coloca a perda como condição intrínseca à melancolia. No entanto, vale a pena questionarmo-nos se esta ideia se sustenta antes da modernidade e do romantismo, uma vez que, no que nos foi possível referir no primeiro ponto deste trabalho, esta relação intrínseca não se verifica. Com esta afirmação não estamos a sugerir um “erro” no pensamento de Freud, mas sim um alerta sobre o viés epocal que ele dá à sua conceitualização da melancolia com a nuance romântica, mas o ponto problemático é que esta é considerada universal.

Um aspecto que também está ligado à nossa hipótese é a escolha da tragédia por Freud, especificamente Édipo Rei, sobre a qual ele constrói um dos pilares de sua teoria: o complexo de Édipo. A tragédia grega, que tanto se relaciona com a valorização marcante na leitura romântica do século XIX, é apresentada a Freud como o modelo incontestável da inexorável existência humana. Atribui, assim, à clínica psicanalítica esse peso trágico, uma determinação essencialista com a qual o indivíduo em sociedade deve confrontar.

A partir da orientação do PIC de APOLa e de acordo com o que Diego Paschetta propôs em seu momento, à luz do que trabalhamos, podemos estabelecer que a psicanálise freudo-laciana<sup>9</sup> se posiciona em relação ao retorno e ao questionamento da reflexão, em relação direta com a posição romântica e seu sujeito, tema, assunto: a melancolia.

De forma sintética<sup>10</sup> podemos apresentar os contra-argumentos para questionar os pontos anteriormente enunciados.

No que diz respeito à pulsão de morte, Lacan é muito categórico ao opor a ideia freudiana do retorno ao inanimado à sua teoria da lógica significante e ao seu efeito de sujeito, que em nada se relaciona com um ser vivo evoluído da matéria inorgânica. Uma possível referência a esta ideia pode ser encontrada no *Seminário II*,<sup>11</sup> especificamente no desenvolvimento do mito da lamela.

<sup>8</sup> Freud, S. (2007). Op. cit.

<sup>9</sup> Nos referimos à posição hegemônica atual que insiste em sustentar que Lacan é um continuador de Freud sem fissuras teóricas, epistemológicas e conceituais.

<sup>10</sup> Nesta instância estamos apresentando uma síntese das ideias que serão desenvolvidas em um próximo trabalho.

<sup>11</sup> Lacan, J. (1993). *El Seminario. Libro II*. Buenos Aires: Paidós.

No que diz respeito ao desejo individual e insatisfeito, só por referência à fórmula: o desejo do homem é o desejo do Outro e ao conceito de objeto *a*, o indivíduo e o objeto como causa do desejo perdido desde o início são insustentáveis.

Para questionar o peso trágico imposto à teoria de Freud, remeto para uma proposta que fiz na altura em que propus o texto-clínico como um novo gênero de discurso. O argumento que apresento é que se a marca de origem é a tragédia, ela se impõe como gênero de discurso e a partir dela se produz uma clínica. Por outro lado, o efeito de gênero da formalização do discurso da psicanálise, tal como proposto por Lacan, permite uma clínica articulada com a psicanálise por vir.

Resta a um trabalho futuro rever o campo específico do estatuto da melancolia na teoria da psicanálise de Lacan, que, numa primeira aproximação, não aparece de forma evidente ou estabelecida. Será de grande interesse retomar o que Diego Paschetta desenvolveu em dois de seus livros: *A conjectura do sujeito I e II*<sup>12</sup> com uma pesquisa muito extensa sobre o tema.

Ao mesmo tempo, é fundamental que avancemos na proposta de Alfredo Eidelsztein sobre a clínica pensada como: clínica do intervalo e da holófrase.<sup>13</sup> Desta forma, recuperamos a ideia de estrutura covariante que nos orienta para não sermos tolhidos na noção de uma estrutura essencialista que nos expõe a critérios ontológicos universalistas. Isto nos leva à última proposta de Eidelsztein, os seus três: economia – saber – política, como um Borromeu que estabelece as condições da época em que a psicanálise é uma proposta possível ao sofrimento de um sujeito específico: o sujeito da psicanálise.

Concluo com uma hipótese que surgiu à luz do que foi apresentado e que constitui a força motriz para a continuação desta pesquisa: **O problema da atualidade do romantismo, a melancolia como temperamento de época e a dificuldade para pensá-la na clínica.**

---

<sup>12</sup> Paschetta, D. (2019). *La conjectura del sujeto. Volumen I*. Buenos Aires: Letra Viva; Idem. (2022). *La conjectura del sujeto. Volumen II*. Buenos Aires: Letra Viva.

<sup>13</sup> Eidelsztein, A. (2001). *Las estructuras clínicas a partir de Lacan. Volumen I*. Buenos Aires: Letra Viva.

## BIBLIOGRAFIA:

1. Aristóteles. (2007). *El hombre de genio y la melancolía (Problema XXX)*. Barcelona: Acantilado.
2. Eidelsztein, A. (2008). *Las estructuras clínicas a partir de Lacan. Volumen I*. Buenos Aires: Letra Viva.
3. Freud, S. (2007). Duelo y melancolía. Em *Obras completas. T. XIV*. Buenos Aires: Amorrortu.
4. Lacan, J. (1993). *El seminario. Libro II*. Buenos Aires: Paidós.
5. Löwy, M. y Sayre, R. (2008). *Rebelión y melancolía. El romanticismo como contracorriente de la modernidad*. Buenos Aires: Nueva Visión.
6. Paschetta, D. (2019). *La conjetura del sujeto. Volumen I*. Buenos Aires: Letra Viva
7. Paschetta, D. (2022). *La conjetura del sujeto. Volumen II*. Buenos Aires: Letra Viva.
8. Starovinski, J. (2016). *La tinta de la melancolía*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

**HAYDEE MONTESANO**

Dra. em psicologia. Psicanalista. Presidenta de APOLa.

E-mail: haydeemontesano@gmail.com